

www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24785

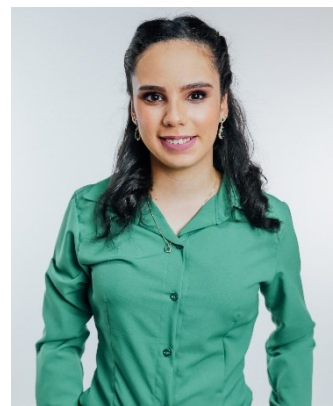
Através da paixão, ganho força

Olá querido leitor, seja bem vindo (novamente, caso você já tenha lido meu texto na primeira edição dessa revista) a esse relato sobre minha vivência docente em uma escola. Deixa eu te contar um pouco sobre o mundo de pensamentos que se criou na cabeça dessa professora em formação. Então, para começar, como disse Willy Wonka:

Hold your breath
Make a wish
Count to three

Meu quarto Estágio Supervisionado para Formação de Professores (agora no Ensino Médio) se deu na Escola Estadual General Dióscoro Vale, na Zona Norte de Natal, no Potengi. É uma escola de bairro que abrange alunos de Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos turnos da manhã, tarde e noite. Mesmo não sendo um prédio tão grande, é bem organizado, bem cuidado, com biblioteca, sala de multimídia, laboratório e um grande pátio aberto. Escolhi essa escola por ser perto da minha casa e foi interessante encontrar como alunos pessoas que eu conheço da minha própria vizinhança.

A primeira pessoa com quem tive contato na escola foi a diretora e, sinceramente, eu adoro essa mulher. Muito falante e atenciosa, ela prontamente me aceitou como estagiária e me encaminhou para falar com uma das professoras de biologia. Assim conheci a professora supervisora, veterana na rede pública de ensino e pelo que escutei colecionadora de estagiários na escola. Ela é aquele tipo de professora que te passa alegria e segurança, que mesmo com todos os problemas que rodeiam a educação no país, principalmente nestes tempos mais sombrios, ela tem esperança nos olhos. Esperança que de pouquinho em pouquinho a educação pode mudar a vida de seus alunos. Foi uma inspiração para a professora que timidamente vive dentro de mim. Nesse estágio pude trabalhar com duas turmas de 1º ano. Turmas que se mostraram tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidas. Alunos curiosos, agitados, falantes, alegres. Adolescentes de 16 e 17 anos procurando uma razão para estar em sala de aula. Observá-los nesse contexto foi mais interessante do que eu achei que seria.



Ana Beatriz
Lourenço

22 anos, aluna de licenciatura em ciências biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nas horas vagas uma fã incorrigível de *Star Wars* e apaixonada por leitura e música.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Ver suas relações uns com os outros, com a professora, com outros professores, com a escola e principalmente com as ciências. E a partir, principalmente, desse último ponto, eu comecei a traçar os primórdios do meu plano de ensino para aquelas turmas.

E mais uma vez cheguei ao impasse de “o que fazer e como fazer?”, questão essa que me persegue desde o meu primeiro contato com a educação. Em minhas leituras para a própria disciplina de estágio, deparei-me com a seguinte indagação: “Estamos ensinando ciências para alunos que vão seguir carreira na área ou estamos ensinando para alunos que tem ânsia em responder suas próprias curiosidades?”. Essa frase foi como um estalo para meus planos nesse semestre. Eu queria despertar nos meus alunos a mesma curiosidade e paixão pelas ciências que eu tive durante meu tempo de Ensino Médio, e que me fez seguir o caminho da biologia. Como disse Paulo Freire “um bom professor é aquele que traz o aluno para o interior de seus pensamentos”.

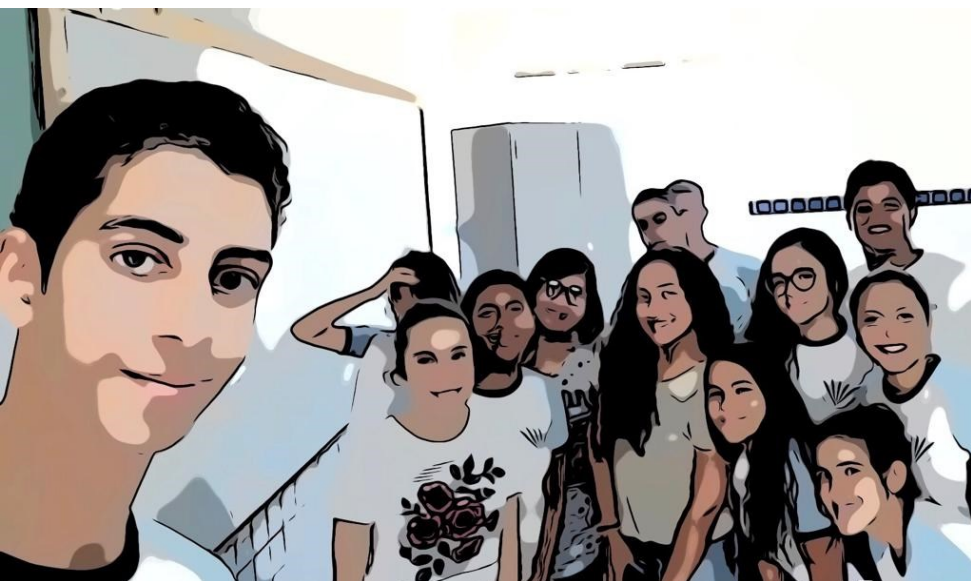
E após três semanas de observação em sala, conversas com a professora, discussão e reflexão em grupo com meus colegas de disciplina, consegui montar um plano de ensino que juntava duas das coisas que eu mais sou apaixonada: ciências e ficção científica.

Como fiquei responsável pelo conteúdo de histologia animal, mais precisamente tecidos nervoso e muscular, propus uma abordagem temática sobre a história do avanço científico em interseção com a ficção, através do filme Victor Frankenstein (2015), que foi usado como base para a avaliação dos alunos no meu tempo de estágio.

Devo dizer que estar diante dos alunos agora não me dá tanto frio na barriga como na primeira vez. Na verdade se tornou algo tão natural que parece até sina. Não sei se estava mais preparada, mas com certeza estava mais confiante. Confiante de que poderia fazer um trabalho significativo, tanto para eles, quanto para mim também. Assim, trouxe para a sala aulas expositivo-dialógicas, discussões sobre o avanço das ciências e sua importância para as vidas dos alunos, além do filme como uma ferramenta de ensino e avaliação, onde os alunos o assistiram em aulas intercaladas com as aulas expositivas e tiveram que produzir um texto sobre o mesmo, fazendo relação com os conteúdos abordados em sala.

Fiquei muito feliz em perceber que com o passar das aulas, os alunos se soltavam cada vez mais e passaram a trazer questões do próprio cotidiano para sala de aula. Mesmo aqueles alunos que pareciam mais calados, passaram a ficar mais confiantes de comentar questões durante a aula e em alguns casos. E em outros alunos me procuravam até fora de sala para conversar sobre ciência.

“Acredito que nós, docentes, estamos em constante mutação, em constante processo de aprendizagem...”



Momentos assim me fizeram sorrir ao imaginar que, talvez, eu estivesse seguindo o caminho certo no meu estágio. E sim, houveram dificuldades e obstáculos, mas eles foram tão ínfimos e efêmeros com relação ao todo que acredito não ser relevante para se listar aqui. Assim, chego ao final de meu último estágio na graduação. Mas não se engane, querido leitor, não sou uma professora formada. Acredito que nós, docentes, estamos em constante mutação, em constante processo de aprendizagem, seja com os livros, com as nossas vivências e até com os nossos alunos. Até mesmo porque não há docência sem discência. Então veja, eu não estou formada, mas transformada por essa nova experiência.

Este semestre tive a oportunidade de ler Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, e em seu discurso, ele diz “O educador se eterniza em cada ser que educa”. Nesse estágio pude analisar essa frase de dois pontos de vista: como professora, que cria possibilidades para a construção de conhecimento de seus alunos, que dá ferramentas para que eles procurem sua própria liberdade e poder no mundo. Também como aluna, de vários professores que me ensinaram o que fazer e o que não fazer.

Aluna de um professor em especial, que além de mentor, se tornou amigo. Que teve a paciência e humildade de me guiar pelo caminho de tijolos amarelos da educação e me abriu os braços nos momentos de tristeza. Thiago, esse professor que me ajudou a encontrar o ponto de partida para minha própria transformação.

Então talvez eu não tenha despertado todos os sentimentos que eu gostaria em meus alunos, ou pode ser que eu tenha. Não sei e talvez nunca saberei, mas como disse Tainá em seu texto na primeira edição dessa revista “espero eu ter contribuído mesmo que um pouquinho nesse processo da vida deles e ter plantado, talvez, alguma sementinha dessa mudança”.

“Espero eu ter contribuído mesmo que um pouquinho nesse processo da vida deles e ter plantado, talvez, alguma sementinha dessa mudança”

